

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: O BRASIL COLONIAL E A FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS ONTEM E HOJE

Fabíola Martins Pereira; Rafael da Silva Abreu; Senyra Martins Cavalcanti

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), fabiola_pereira_martins@hotmail.com, abreurs@live.com, senyra@hotmail.com

RESUMO

O artigo apresenta uma das experiências didático-pedagógica do Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Médio” (PROEX-UEPB), realizada em maio de 2017 com adolescentes do 2º. ano de escola da rede estadual de ensino, na qual abordamos a mulher e a família colonial a partir do filme “Desmundo” (dir. Alain Fresnot, 2003). Fizeram parte da experiência a seleção, edição e exibição do filme, confecção de roteiros de sensibilização à temática e discussão, bem como de atividades escritas. Aqui, apresentamos as nossas ações de planejamento e a análise das respostas dos adolescentes nas atividades que focalizaram a formação das famílias no período do Brasil Colonial, o papel da mulher dentro da família e da sociedade, como se davam os casamentos. Nosso referencial teórico é composto de: Ferro (1992) e Morettin (2011), na análise das relações entre cinema e história, e, D’Incao (2015), sobre o papel da mulher na sociedade colonial brasileira.

Palavras chaves: Família Colonial; Ensino de histórica; Filmes históricos; Relato de Experiência.

1. Introdução

O artigo apresenta uma das experiências didático-pedagógica do Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Médio” (PROEX-UEPB), sob a coordenação da professora Senyra Martins Cavalcanti (DE/UEPB), em colaboração com o professor do ensino médio Rafael da Silva Abreu (SEC/PB). A referida experiência foi desenvolvida em maio de 2017 e tinha como objetivo geral: Identificar e problematizar o processo de formação familiar no período do Brasil Colonial e autonomia da mulher dentro da família. E, como objetivos específicos: Identificar como se davam os casamentos no período focalizado; Problematizar a maneira como a mulher era tratada em relação a sexualidade, a violência física e social; e, por fim, relacionar o filme com a realidade familiar na contemporaneidade.

A experiência didática foi motivada a partir de uma demanda identificada sobre a dinamização da aprendizagem de conteúdos específicos de história a partir de filmes

históricos. Para tanto, selecionamos o filme “Desmundo: Ninguém é inocente, muito menos tu”, dirigido por Alain Fresnot, a partir do Romance de Ana Miranda.

Como o tema do Brasil Colonial é bastante amplo, selecionamos o sub-tema mulher a partir da observação que com o passar dos anos observamos o quanto a mulher avançou na conquista de espaços públicos e buscou o reconhecimento de sua importância além do espaço familiar. Hoje, depois de tantas conquistas, podemos ver a presença da mulher em diversos outros espaços e atividades que não somente as comuns do lar, mas também como presidente, empresária, professora e outros. Entretanto, toda essa mudança não influenciou somente a própria mulher, mas também nas diferentes formações familiares existentes hoje. Nesta perspectiva, o cinema apresenta-se como um elemento a mais a animar discussões sobre essas mudanças, a partir da compreensão de que vai muito além do que está estampado nas imagens, ou seja, do que está totalmente visível e pode ser assim considerado um testemunho da história. Essa ideia é claramente apresentada por Ferro (1992, p. 33):

[...] analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime do governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa.

A ideia acima é uma afirmação de que para compreender o papel do cinema, mais especificamente o filme, é necessário analisar o que não está estampadamente visível, observar também o contexto histórico representado pelo filme, as críticas relacionadas à temática em abordagem. Por esse motivo, o mais importante a ser analisado em um filme é o não visível. É nele que encontramos a verdadeira crítica significativa pela representação de uma realidade existente ou que um dia existiu.

Ao analisarmos o filme, conseguimos observar que este mostra a triste realidade do período de intensa escravidão, no qual negros e índios eram obrigados a trabalhar para os grandes Senhores, donos das grandes fazendas. Observamos também o papel da mulher dentro da família no período de 1570 e a grande influência do catolicismo durante o período do Brasil Colônia.

2. Metodologia

O Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Médio” teve como espaço de ação a E. E. E. F. M. Solon de Lucena, localizada no Bairro Centro, na Cidade de Campina Grande.

Primeiramente reconhecemos a Escola e a sala de aula, analisamos a turma, o contexto social dos alunos, o ritmo de trabalho do Professor entre outras ações do cotidiano da sala de aula. Depois, desenvolvemos a atividade utilizando o filme “Desmundo: Ninguém é Inocente, Muito Menos Tu”. Fizemos parte deste momento: a utilizamos a sala de vídeo para reproduzir o filme, distribuição de uma ficha técnica com as informações sobre o filme para melhor compreensão da temática antes da apresentação e, em seguida, exibimos o filme editado. Depois, analisamos junto com os alunos as cenas do filme e discutimos o tema “Família no Brasil Colonial e na Contemporaneidade”, discutimos também o papel da mulher dentro da família e da sociedade ontem e hoje. Após a exibição e discussão, aplicamos uma atividade escrita, com o objetivo de obter dos alunos suas representações sobre as temáticas focalizadas. Por fim, recolhemos a atividade e nos despedimos da turma no final do turno.

A experiência foi desenvolvida com um total de dezessete (17) alunos sendo esses adolescentes de ambos os sexos, todos com faixa etária entre quinze (15) e dezessete (17) anos de idade.

A maior parte das atividades apresentaram respostas curtas e objetivas e também bastante assemelhadas.

2. Discussão e Resultados

Nos dias atuais, é bastante comum termos acesso ao cinema, assistimos filmes relacionados a diversos temas, como ficção científica, romance, ação, terror... Filmes que relatam momentos, a hierarquia entre outras temáticas. Mas, não temos a consciência do quanto o cinema é novo, e menos ainda do quanto se tornou novidade no espaço acadêmico, inclusive sendo considerado um objeto de estudo, visto como uma das novas fontes da história (Nora) e como aquele que testemunha a história (Ferro). Podemos ter essa compreensão a partir do comentário de Morettin (2011, p. 40) sobre o conceito de cinema em Ferro:

Para Ferro, o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção,

principalmente o Estado. Mesmo a censura não consegue dominá-lo. O filme para o autor possui uma tensão que lhe é própria, trazendo a tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a posição.

O filme não está sob o controle do estado ou de qualquer instância, e é este elemento que permite o cinema fazer sua análise e críticas à sociedade. Porém, mesmo não havendo censura, o cinema contém seus próprios interesses e por essa razão representa uma importante fonte da história, sendo ele aquele que a relata e testemunha, aquele que representa uma realidade.

Ao analisarmos o filme apresentado (“Desmundo...”), tivemos a possibilidade de observar como eram formadas as famílias no período do Brasil Colonial. O modelo de família mostrado é o da família patriarcal, modelo composto pelo pai, sujeito do sexo masculino, pela mãe na pessoa do sexo feminino e pelos filhos.

Como vemos no filme, Francisco de Albuquerque é um homem rude e autoritário, dono de fazenda e senhor dos escravos nativos. Oribela, a noiva, é uma moça bastante religiosa, que é obrigada a se casar com Francisco, pois os homens viviam “uma vida pecaminosa” pela falta de mulheres no início do processo de colonização. Ao casar-se, é forçada a viver ao lado de um homem o qual não desejava como seu esposo. Diante dessa realidade expressa no filme, vemos o lugar que a mulher ocupava dentro da sociedade, o lugar de mulher que deve ser submissa, cuidadora dos filhos, zeladora do lar, obediente ao homem e temente a Deus. Oribela representa um modelo de mulher corajosa, por se opor a vida que lhe era oferecida, por esse motivo, Oribela tenta fugir de todas as brigas, desrespeitos, castigos e abusos. Casar-se e gerar filhos seria a única obrigação das mulheres no período, inclusive de Oribela.

O filme foi produzido baseado na obra homônima de Ana Miranda e podemos dizer que a personagem Oribela representa a realidade de muitas mulheres de seu tempo e, quem sabe, dos dias atuais e que continuam a sofrer mesmo depois de tantas lutas em busca de respeito e aceitação das suas capacidades e qualidades.

Dentro da nossa discussão a cerca do filme e do tema família, mencionamos a perceptível diminuição no tamanho das famílias nos dias atuais em relação ao tamanho comum no período do Brasil Colonial com a vinda das primeiras famílias portuguesas. Abordamos esse fato na atividade escrita e, segundo a concepção da maioria dos alunos, essa diminuição se deu pelo fato de a mulher optar por ter uma carreira profissional, a dedicar-se ao trabalho além do ambiente familiar e, dessa maneira, elas não dedicam

tanto tempo para o cuidado da casa e dos filhos, optando por ter um número menor de filhos, pois assim gastam menos tempo criando e educando sua prole, e muito menos zelando exclusivamente pela ordem e organização de uma casa.

A ideia de mulher como dona do lar, responsável pela educação dos filhos, sentimental, sensível, assim como outras características consideradas inerentes ao ser feminino durante muitos anos é apontada por D’Incao (2015, p. 229):

Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”. Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” da rua.

Como vemos na citação acima, a ideia de mulher delicada e dedicada ao lar dentro da esfera da família burguesa deixou para nossa sociedade uma imagem bastante duradoura e naturalizada sobre a mulher. Ousar a se negar a viver esse conceito de mulher era com certeza fugir daquilo que correspondia a tal conhecida natureza feminina. Crianças e jovens com atitudes de desrespeito e maus hábitos, nada mais nada menos que “culpa da mãe seria!” Pois foi “ela que não deu boa educação” ou “não ensinou bons modos”. Todas, frases tão ouvidas e ditas por tantos que consideravam a mulher como responsável pelo zelo do lar e pela criação dos filhos. Hoje se trata, segundo as representações dos próprios alunos, de uma realidade completamente diferente, na qual já não existe mais esse padrão puramente determinado. Já não cabe somente à mãe, a responsabilidade de conduzir os filhos “ao bom caminho”, mas também ao pai, avós, ou qualquer um que seja participante ativo na vida dos filhos e de toda a família.

Na discussão com os alunos, foi levantada a questão das diversas formas de família existentes atualmente. Dessa maneira, os alunos apontaram o fato de existirem famílias compostas por dois pais, por duas mães, mães e pais solteiros, filhos criados pelos avós entre outros modelos, mas, mesmo assim, ainda há muita intolerância e falta de aceitação desses novos modelos pela sociedade.

Ao aplicarmos a atividade com os alunos, fizemos a análise de suas respostas transcritas. No primeiro tópico da atividade, pedimos que os alunos analisassem duas imagens do livro didático. A primeira imagem apresentava duas mulheres com uma criança no meio, na imagem dois, havia um homem, uma mulher e duas crianças no

meio. Na letra “A” da questão 1 perguntamos o que os alunos observavam nas duas imagens a respeito de organizações familiares? A maioria dos alunos responderam que podiam observar que as imagens mostravam os diferentes modelos de família, que na primeira apresentava uma união de pessoas do mesmo sexo construindo também uma família e que na segunda imagem percebiam uma representação de um padrão de família patriarcal composta pelo Pai, do sexo masculino, pela Mãe, do sexo feminino e pelos filhos. Outro número de alunos apontou que a primeira imagem apresentava um modelo de família que de forma alguma era comum, e sim bastante diferente do padrão estabelecido, e que a segunda era a imagem de uma família de padrão mais aceitável e comum. E uma pequena minoria, deram respostas diferenciadas que não condizem com o que as imagens apresentam.

Na letra B e C da mesma questão, perguntamos: “Qual a relação da primeira imagem com a realidade atual?” E se “a realidade apresentada era comum na sociedade em que vivemos?” E “porque?” A maioria dos alunos respondeu que na realidade em que vivemos, o número de famílias compostas por pessoas do mesmo sexo está cada vez mais aumentando e tornando-se comum, porém ainda há a presença forte do preconceito e da não aceitação dessas famílias. Outra parte dos alunos respondeu que as famílias de pessoas do mesmo sexo não são muito comuns na realidade atual, pois é um modelo que foge totalmente do modelo padrão e mais aceitável pela sociedade.

Na letra D, pedimos que opinassem sobre: “o que havia contribuído com a diminuição do número de filhos como visto na imagem 2?” A maioria dos alunos responderam que a condição financeira seria o que mais contribui com o fato de as famílias optarem por ter um número menor de filhos comparado ao de anos atrás, pois ter filhos requer condições financeiras bastante favoráveis, ou seja, tem que ter muito dinheiro. Outra parte de alunos responderam que as pessoas estão optando por ter poucos filhos porque tanto os homens quanto as mulheres estão querendo trabalhar fora, estão buscando independência financeira, e para isso ter muitos filhos iria ocupar muito os pais e em especial a mãe, já que a mulher não deseja somente cuidar de filhos. Dessa forma, ter poucos filhos seria menos tempo e dinheiro gasto com eles. E, uma pequena minoria de alunos afirmou que muitos casais simplesmente não querem de forma alguma ter filhos, pois possuem outros planos que não o de obter uma família comum e numerosa, preferem trabalhar e se dedicarem um ao outro, assim não precisam se preocupar em cuidar, ou gastar tempo dedicando-se aos filhos por ser uma grande responsabilidade que não querem ter para si.

Em outra questão, perguntamos de acordo com o filme: “Qual era o papel da mulher dentro da família?” Todos os alunos afirmaram que o papel da mulher era unicamente servir ao marido em todas as suas necessidades e exigências e cuidar da casa e dos filhos. Em seguida, na mesma questão, perguntamos: “Qual era a visão da sociedade sobre a mulher?” Todos afirmaram que a sociedade via a mulher como um objeto que deveria apenas casar-se e ter uma família ter um marido ser submissa entre outras características, além do mais havia uma visão bastante preconceituosa sobre ela a qual jamais deveria ter nem voz e nem vez para expressar-se, nem ao menos tinha a liberdade de escolher com quem se casaria como vimos no filme, era casamento arranjado. Perguntamos ainda: “Qual era a visão da sociedade sobre a mulher nos dias atuais?” A maioria deles respondeu que a sociedade ainda vê a mulher com um olhar bastante preconceituoso apesar de a mesma haver conseguido conquistar seu espaço em muitos lugares, apesar de já poder ir e vir, de poder opinar decidir, participar de tudo o que quiser. Uma minoria dos alunos afirmou que hoje não existe mais “esse negócio de homem pode e mulher não pode”, que hoje a mulher tem liberdade e que é vista em um patamar de igualdade com relação ao homem, porém ainda existem pouquíssimas pessoas que não aceitam essa igualdade.

3. Considerações Finais

Após todas as nossas discussões, podemos chegar a uma conclusão de que é possível tornar a sala de aula atrativa e reflexiva, e uma das formas de tornar a aula de história bastante interessante e participativa foi utilizar o filme como instrumento de apresentação e discussão do conteúdo estudado em sala. Podemos assim compreender a partir de Morettin e Ferro, que o cinema está muito além de um simples entretenimento, de uma diversão. Nele encontram-se aspectos também científicos e bem estudados por aquele que cria e por aquele que filma. Seu testemunho da realidade nos leva a refletir sobre o tema apresentado, ou até mesmo a desenvolver nosso interesse de aprofundarmos nosso conhecimento sobre a temática. O cinema pode assim representar uma história baseada no real ou apresentar o próprio real. De uma forma ou de outra nos leva a refletir e a conhecer as temáticas e conteúdos específicos da história. Sendo assim, o filme apresentará sempre uma crítica a realidade trabalhada, estando ele presente nas imagens, ou nos gestos, ou nas falas. Enfim, em algum momento, cabendo a nós reconhecermos e analisarmos a própria crítica desenvolvida por quem o criou.

Consideramos que o objetivo do nosso projeto foi bem alcançado e que o uso do filme foi bastante favorável no aprendizado dos alunos e que o principal fundamento para a elaboração do projeto de ação da experiência didática foram os teóricos e o livro didático foi utilizado aqui como recurso didático. Dessa maneira, foi possível alcançar o resultado esperado, pois conseguimos conscientizar os alunos de que o filme pode ser utilizado em sala de aula de maneira bastante didática e construtiva para o seu aprendizado, sendo assim percebemos que o filme não tem como objetivo apenas o entretenimento ou a diversão, mas contribui fortemente na compreensão de temáticas e discussões inerentes à formação educacional e escolar.

4. Referências

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 224-240.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1992. p. 25-47.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª. Ed. São Paulo: Alameda, 2011. p. 39-64.

SER protagonista: História 2º ano: ensino médio. Obra coletiva desenvolvida e produzida por edições SM. 2ª Ed. São Paulo: SM, 2013.